



FAUST

Capítulo IX: Terra, Poder e a Construção do Fim

PT

Cego, antigo e ainda imperioso, Faust remodela a própria terra — e na vasta engrenagem da recuperação de terras encontra, enfim, a proximidade aterradora da satisfação, a única condição que seu pacto lhe proíbe.



Ele se ergue sobre um baluarte elevado, perscrutando terras úmidas que se lhe opõem com toda a virtude da selvageria. A drenagem dos pântanos, a recuperação de vastos trechos de terra do domínio das águas — esta é sua visão, agora cristalizada em algo mensurável e concreto. Trabalhadores movem-se pelo terreno como hoplitas em formação. Diques se levantam. Canais são escavados. Um canal brilha sob luz incerta. O que o anima agora não é a agricultura, mas algo mais grandiosamente egocêntrico: a fantasia da permanência em si, da vontade humana impondo ordem sobre o inchoado. Ele vislumbra campos ainda não nascidos, quintas e granários, a pátria recriada por seu decreto. Mefisto espreita à periferia com ironia mal dissimulada. A construção torna-se uma narrativa da civilização ascendendo do caos. Contudo, a poeira que se eleva da terra perturbada carrega presságios que Fausto, em sua voracidade, opta por não ler. A natureza não se curva tão prontamente. Os instrumentos de sua ambição são também os instrumentos do deslocamento alheio.



Na faixa mais estreita de terra que permanece intocada, Filemon e Báucis cuidam do pouco que lhes pertence — uma cabana cercada por diques e luz do amanhecer, um jardim que se manteve firme através de décadas. Eles não conhecem o nome do homem cujos engenheiros levantam as terras alagadas além de seu limite, nem compreendem a voracidade que impulsiona tal transformação. O que conhecem é solo, estações, o zumbido do trabalho constante. Seu voto, feito há muito tempo neste mesmo lugar, não era pela grandeza, mas pelo que vale a pena: plantar, abrigar, perdurar. Ao redor deles, o som da construção cresce mais alto a cada tarde. Eles não o condenam. Cuidam de seu próprio lote com uma graça quase servil, como se, permanecendo fiéis às pequenas coisas, pudessem evitar algo maior e mais terrível. Em suas mãos vacilantes e nas pedras cobertas de líquen de sua soleira repousa uma pergunta que nenhum sonhador imperial se preocupou em fazer: o que se perde quando tudo é refeito?



Os diques erguem-se onde os pântanos respiravam. Fausto observa com fria satisfação os campos recém-expropriados, o vasto programa de recuperação estendendo-se rumo a um horizonte artificial. Mas o custo se acumula no solo: os antigos arrendamentos varridos, as comunidades desenraizadas, a arquitetura moral do mundo curvada para servir a fome de um único homem pelo domínio. Mefistófeles observa da periferia, elegante e divertido, como se a fuligem e os escombros do deslocamento fossem meramente o subproduto inevitável da ambição — um tributo pago voluntariamente por aqueles que ousam refazer a terra. Fausto não faz pausa para considerar a omissão da misericórdia. Vê apenas a abundância ao alcance. Mas algo cintila na periferia da consciência — um momento de vigilância, como se o próprio universo o observasse com desprezo. O quebra-vento de sua certeza tremula. Esta é a eventualidade que nunca nomeou ao assinar: que a grandeza e a perda não são registros separados. Toda recuperação exige uma expropriação correspondente.



Ele tem noventa anos, é cego, e portanto finalmente vê. O mundo exterior tornou-se irrelevante, absorvido na arquitetura teórica da vontade pura. Ele não fala àqueles que labutam diante dele, mas à imutabilidade de sua própria visão — uma visão que não precisa de olhos, que atravessa a resistência material como se atravessasse vapor. A cortinagem ao seu redor captura vento de terras que ele drenou, campos que ordenou de volta à vida. As Mulheres Cinzentas derivam pelas margens desta cena — Cuidado, Privação, Dívida, Necessidade — presenças espectrais que sua cegueira não pode totalmente excluir. Cuidado já respirou sobre ele na noite, selando seus olhos. Ele não sabe disso. Ele gesticula com certeza audaciosa em direção a um mundo que não vê mais, mas que absolutamente comanda. Sua cegueira não é diminuição, mas apoteose. Em sua falta de visão, Fausto tornou-se o bruxo que sempre foi — comandando pelo misticismo em vez da visão. Sua cegueira é sua conquista final. E também sua perda final.



Ele fala de um povo livre sobre terra livre, de luta diária que dignifica a existência — e seus olhos ardem com uma sinceridade terrível. Este é o momento mais cru de seu empenho: o instante em que o fervor visionário se torna indistinguível da tirania. Ao seu redor a paisagem se reconstrói — não apenas por sua mão, mas pelas mãos daqueles que ele comanda. Os Lêmures trabalham em uma sincronização assombrada, formas esqueléticas arrastando e puxando com precisão muda e obediente. O solo sob esta visão ainda é contestado, ainda encharcado do sangue daqueles deslocados por sua ambição. Ele não vê a ironia: que em sua fome de construir amanhã hipotecou o hoje. Neste momento Fausto é mais a si mesmo e menos humano — uma figura esculpida de sua própria mitologia, falando como se o próprio significado se curvasse a sua enunciação. A luz de vela da razão cedeu lugar ao brilho fulgurante da ambição. A história recordará a visão. A história tende a esquecer o que a visão exigiu.



A planície gramada se estende diante dele, resgatada do mar — um monumento inscrito em terra e pedra. Faust está no auge de suas aquisições, contemplando o império que construiu através da vontade e do contrato. O trabalho continua. Este é o momento que Mefistófeles prometeu — não apenas riqueza, mas domínio. E na visão da conclusão, um reconhecimento terrível desperta. A febre da ambição, a fome contínua que o impulsionou através de cada limiar, começou a se transformar em algo mais: contentamento. Perigoso. Fatal. O esforço que o definia cintila, ameaça se extinguir. O pacto estipulava que caso tal momento chegasse — caso Faust jamais dissesse à hora que passa "Fica, tu és belo" — então ele pertenceria à escuridão. Ele ainda não pronuncia essas palavras. Mas no labirinto de seu próprio silêncio, elas ecoam, aguardando. A transição da fome para a posse, do alcançar para o reter, da febre para a calma — este é o limiar que nenhuma alma ambiciosa atravessa inalterada.



O velho repousa sobre o limiar de seu próprio dever, cego e contudo vendo para dentro — o corpo gasto, a obra inacabada, o propósito alcançado em sua própria incompletude. Ele conduziu seus trabalhadores através de um último dia de reclamação. O remoinho da ambição que consumiu décadas estreitou-se a um único suspiro. Ele não se revolta contra a luz que se extingue. Há uma paz estranha na vitória fracionária — o conhecimento de que o que começou o sobreviverá, que seu próprio esforço era o único objetivo digno de ser atingido. A morte vem não como derrota mas como a sincronização final: o momento em que a fome inquieta cessa, e o que ele criou permanece testemunha. Em seu último instante consciente, Fausto compreende que a conclusão nunca foi o ponto — apenas o alcance ilimitado, o propósito perpétuo, a avidez que recusou cessar mesmo quando o corpo já não podia responder. Agora o corpo se liberta. O projeto persiste. Esse paradoxo não é nem condenação nem redenção, mas uma verdade sibílina.